

Recortes de ironia em *O Rei Lear*, de Willian Shakespeare

Bruna Otani RIBEIRO¹
Kamilla Costa RODRIGUES²
Patrícia Cristina CAPELETT³

Resumo

Este estudo se refere a algumas situações nas quais a ironia se apresenta de formas variadas em *O Rei Lear*, peça escrita por volta de 1605 pelo dramaturgo inglês William Shakespeare. Para esta pesquisa, pretende-se analisar como a ironia conduz a trama Shakespeariana tendo em vista que este é um recurso muito recorrente nas obras deste autor. Portanto, busca-se, neste trabalho, refletir sobre os efeitos de sentidos que produzem as ironias presentes neste texto para análise. Além disso, será apresentada uma proposta relacionada a como trabalhar a ironia presente na obra em sala de aula, enfatizando que a incentivo feito aos alunos em relação à leitura do texto literário é fundamental para a formação de um estudante, e posteriormente, um sujeito crítico, que sabe interpretar o que ocorre ao seu redor, sendo, por consequência, capaz de promover transformações no meio em que se encontra inserido.

Palavras-chave: Ironia. Shakespeare. Literatura em Sala de Aula.

Introdução

A ironia é uma figura semântica que está presente na maioria das esferas da atividade humana. Assim, torna-se uma tarefa complexa e ampla definir este termo. Buscamos, assim, fazer um recorte daquilo que é relevante para esta análise.

Conforme Alvarce (2009), podemos categorizar a ironia em dois grandes tipos: aquela que se faz presente na vida cotidiana, simples, e a ironia literária. Analisando como a ironia está presente na Literatura, Muecke (1995) a divide em duas grandes categorias: a ironia situacional ou observável e a ironia verbal ou instrumental.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: bruna_otani@hotmail.com

² Graduada em Letras, Português-Inglês e respectivas Literaturas na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: milloka_cr@hotmail.com

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: patriciacapelett@hotmail.com

No que diz respeito à ironia verbal ou instrumental, esta ocorre quando há uma inversão semântica e, nesse caso, a ironia se constitui em dizer uma coisa para significar outra, “como uma forma de elogiar a fim de censurar e censurar a fim de elogiar [...]” (MUECKE, 1995, p.33). Já a ironia observável, refere-se a uma situação ou uma cena que devem ser percebidas pelo observador e julgadas irônicas, não existindo, assim, “alguém sendo irônico”. É interessante notar, entretanto, que, mesmo se tratando de uma ironia verbal, é preciso que o contexto/situação sejam observados, caso contrário, o sentido pretendido pelo emissor não é alcançado pelo receptor.

Para que possamos compreender o sentido irônico de uma situação, temos que observar a relação que se estabelece entre a aparência e a realidade, pois conforme Alvarce (2009) é o traço básico de toda ironia. Algo é aparentemente afirmado, mas, na verdade, percebe-se uma mensagem completamente diferente. A tensão entre aparência e realidade pode expressar-se por meio de uma oposição, contradição, contrariedade, incongruência ou, ainda, por meio de uma incompatibilidade. Sendo assim, essa característica básica de toda ironia – o contraste entre aparência e realidade – marca não apenas a ironia verbal, mas também a ironia observável.

Torna-se relevante ressaltar que, para que se produza o sentido irônico, há a necessidade da participação de interlocutores, isto é, a ironia é revelada numa situação real de comunicação em que os interlocutores produzem sentidos. Distanciando-se da abordagem mais comum de ironia – significar o contrário do que se diz – a ironia romântica é fruto da intervenção do narrador em seu relato (ALAVARCE, 2009). Assim, a narrativa prossegue normalmente até que, em determinado momento, e, obviamente, almejando fins específicos, o narrador “intromete-se”, revela-se, tecendo comentários, críticas ou mesmo refletindo sobre a criação literária. Em suma, trata-se da ascendência do autor em relação à obra.

Para Linda Hutcheon (1985, p.45), “a ironia romântica, evidentemente, serviu menos para subverter a ilusão do que para criar uma nova ilusão.” Assim, esse tipo de ironia cria efeitos de sentido contraditórios: ao permitir que o leitor “veja” os mecanismos do “fazer poético”, desnudando o caráter ficcional da narrativa, o narrador, por um lado, legitima a ficcionalidade e destrói a verossimilhança do relato; entretanto,

analisando de maneira inversa, o narrador, por meio da ironia romântica, confere certa aparência de “realidade” à narrativa que tece e institui, de certo modo, uma forte “ilusão de veracidade”, ultrapassando, ao que parece, a sensação de verossimilhança.

Portanto, os textos literários marcados pela ironia romântica, ao mesmo tempo em que chamam a atenção, explícita ou implicitamente, para sua condição específica de texto literário e, pois, para sua natureza ilusória, extrapolam a mimese ingênua, criando o que achamos por certo chamar “ilusão de veracidade”.

Embora Hutcheon desenvolva seu estudo sobre a ironia baseada em romances e, em inúmeras vezes refira-se à ironia como algo que emana do narrador, nesse artigo, utilizaremos das funções da ironia por ela descrita, pois o drama shakespeariano *O Rei Lear*, embora não seja um romance, apresenta, por meio de diversas falas da personagem Bobo, exemplos de ironia.

As principais funções da ironia

Linda Hutcheon (1985, p.73) divide as funções da ironia em duas: uma semântica, contrastante, e outra pragmática, avaliadora. Hutcheon explica:

A função pragmática da ironia é, pois, a de sinalizar uma avaliação, muito frequentemente de natureza pejorativa. O seu escárnio pode, embora não necessariamente, tomar a forma de expressões laudatórias, empregues para implicar um julgamento negativo; ao nível semântico, isto implica a multiplicação de elogios manifestos para esconder a censura escarnekedora latente. (1985, p.73)

É importante não perder de vista que a própria raiz grega *eironeia* indica dissimulação e interrogação, o que autoriza concluir que nas manifestações irônicas há uma divisão ou contraste de sentidos, e também um questionar ou julgar. Logo, estamos nos referindo a duas funções diferentes; todavia, vale assinalar que são também funções complementares.

É pertinente dizer, sobre as funções mais importantes da ironia aqui examinadas, que há, como vimos, uma interdependência entre elas e que, geralmente, a função semântica contrastante conduz à função pragmática avaliadora. Todavia, em

determinados discursos, de acordo com a intencionalidade de seus produtores, salienta-se mais uma das duas funções.

Para além das funções semânticas contrastiva e pragmática avaliadora, existem outras também muito importantes e que, de certo modo, derivam das duas primeiras funções apontadas neste trabalho. Queremos dizer justamente que as funções que serão comentadas agora – todas elas – se encaixam num desses dois grandes grupos: ou tendem mais para a ironia de característica semântica contrastiva ou para a função pragmática avaliadora da ironia. É importante dizer ainda que o estudo dessas funções específicas da ironia se justifica na medida em que nos aproxima muito de uma definição mais exata sobre o conceito de ironia.

Linda Hutcheon, em *Teoria e política da ironia*, alista nove funções para a ironia, partindo daquela que possui uma carga afetiva mínima e caminhando para a função em que se expressa carga afetiva máxima. A primeira função da ironia: **reforçadora**. Nesse caso, ela serve para salientar algo; por exemplo, na conversação cotidiana, para enfatizar um enunciado, tornando-o mais preciso.

No drama *O Rei Lear*, um momento em que se percebe a função **reforçadora** diz respeito ao trecho em que o bobo compara as irmãs ambiciosas, que se tornaram donas do reino de *Lear*, *Regana* e *Goneril*, a maçãs selvagens e cultivadas, utilizando os seguintes termos:

Bobo: Verás que a tua outra filha te tratará filialmente, pois embora se pareça com esta tanto quanto uma maçã selvagem se parece com uma maçã cultivada, eu digo o que te digo.

Lear: E o que é que tu me dizes, patife?

Bobo: Que aquela terá o mesmo gosto desta como uma maçã tem o mesmo sabor de outra maçã. (SHAKESPEARE, 2008, p. 39)

Nesse momento da peça, o *Bobo* se vale da função **reforçadora** da ironia para salientar que, embora as irmãs *Goneril* e *Regana* possam parecer diferentes, ambas terão o mesmo comportamento, assim como as maçãs apresentam o mesmo sabor, nesse momento o *Bobo* enfatiza seu enunciado, tornando-o mais preciso por meio da comparação, sugerindo ao leitor que, assim como uma expulsou o pai, a outra também o fará.

A próxima função é a **complicadora**, aquela que insere os discursos irônicos no rol dos discursos verdadeiramente artísticos, caracterizados por uma ambiguidade controlada e avaliada, que nos chama para a reflexão e, em consequência, para sua interpretação. Um fragmento que revela tal função é o que apresentamos na sequência:

Bobo: Eu também não, mas posso te dizer por que o caracol tem uma casca.

Lear: Por quê?

Bobo: Ora, pra guardar a cabeça lá dentro. Ou tu achas que é pra dá-la às filhas e ficar com os cornos sem abrigo? (SHAKESPEARE, 2008, p. 40)

Nesse diálogo entre o *Bobo* e o *Rei*, verifica-se uma ambiguidade que nos chama para a reflexão e, conseqüentemente, para a interpretação. Tendo em vista que o *Rei* dividiu seu reino entre duas filhas e por elas foi abandonado, a fala do *Bobo* induz à reflexão de que a casca do caracol, por ser o abrigo/a proteção dele, deve ser associada ao reino, que era onde *Lear* tinha abrigo. Assim, conseqüentemente, interpretamos que o que o *Bobo* quer dizer ao *Rei* é que, assim como o caracol usa sua casca para guardar e proteger a própria cabeça, o *Rei* deveria ter mantido seu reino para si, e não tê-lo dividido entre as duas filhas, de modo a ficar desprotegido, nas palavras do *Bobo*, “com os cornos sem abrigo” (SHAKESPEARE, 2008, p. 40).

A outra função da ironia é a função **lúdica**. Ela pode ser entendida como caracterizadora de uma ironia afetuosa de provocação benevolente, podendo estar associada também ao humor. Essa função pode ser percebida no texto de Shakespeare em questão quando o *Bobo* enuncia os seguintes versos:

Quem cuida mais do dedão
Do que do seu coração
Não dormirás mais, traído
Por um calo dolorido. (SHAKESPEARE,
2008, p. 72)

Nesse momento, quando o *Bobo* traz à tona uma discussão sobre os cuidados que são conferidos ao dedão e ao coração, de uma maneira afetuosa e, inclusive associada ao humor, dada a presença das rimas, verifica-se que o intuito é apenas de uma provocação benevolente, para que o *Rei* saiba dar atenção ao que realmente merece, ou seja, aos sentimentos, de modo a não cometer falhas como a já cometida em

que ele deu maior valor à aparência e não ao sentimento verdadeiro e à sinceridade manifestados pela filha mais nova, *Cordélia*.

Na função **distanciadora**, o ironista e o interpretador da ironia se afastam, se distanciam de uma dada situação a fim de olhá-la sob uma nova perspectiva. Um exemplo dessa função está presente na tragédia de Shakespeare em questão quando o *Bobo* se volta para um exemplo da natureza com o intuito de demonstrar que a falta de gratidão ocorre entre filhotes de animais, nesse caso, funciona como uma analogia de que o que ocorreu entre pássaros pode também ocorrer entre humanos. Verificamos a função **distanciadora** no seguinte trecho: “O pardal que alimentou o cuco com seu muco. Um dia teve a cabeça comida pelo cuco” (SHAKESPEARE, 2008, p. 34). Assim como o pardal que cuidou e alimentou foi vítima de ingratidão, também foi o rei.

A quinta função da ironia é a **autoprotetora**. Nesse caso, a ironia pode ser interpretada como uma espécie de “mecanismo de defesa”. Até mesmo a autodepreciação pode nessas situações ser fingida, resultando em uma forma de autopromoção. Logo, a autodepreciação pode ser interpretada como uma jogada defensiva também. Segundo Hutcheon,

para o ironista, a ironia significa nunca ter de se desculpar. Você pode sempre se proteger e argumentar (de uma perspectiva de intenção) que você estava apenas sendo irônico. Você pode até mesmo transformar um erro numa piada com a mesma declaração; você com certeza pode usá-la para sair de qualquer situação embaraçosa. Usar ou mesmo atribuir ironia dessa maneira é recorrer à sua função de “veste protetora”. (2000, p.81)

Tendo isso em vista, encontramos a função **autoprotetora** quando o *Bobo* se vale de seu posto, dizendo que apenas patifes devem seguir seus conselhos, uma vez que foram por ele dados, ou seja, por alguém sem credibilidade. O fragmento a seguir deixa visível tal função da ironia presente na fala do *Bobo*:

Quando uma roda grande despenca pelo morro, larga o comando senão tu quebras o pescoço, arrastado por ela. Mas se a roda grande sobre o morro, deixa que ela te puxe morro acima. Se um sábio te der melhor conselho do que este, devolve o meu. Eu gostaria que só patifes seguissem esse conselho, já que é um bobo que aconselha. (SHAKESPEARE, 2008, p. 58)

Nesse momento, o *Bobo* se autodeprecia, insinuando ironicamente que seus conselhos não teriam valor, uma vez que por ele foram dados, contudo, trata-se apenas de uma estratégia de defesa que tem o resultado de autopromoção, uma vez que, embora um bobo não tenha credibilidade para ser um conselheiro, o conselho dado por ele revela extrema sabedoria.

A sexta função é a **provisória**. A ironia que se manifesta tendo em vista essa função desmistifica verdades absolutas solapando, conseqüentemente, quaisquer dogmatismos. Um exemplo dessa função pode ser percebido no seguinte trecho: “A verdade é um cachorro que tem de ficar preso no canil” (SHAKESPEARE, 2008, p. 30). Nesse fragmento, a máxima de que toda verdade deve ser revelada é desconstruída, pois, para que a integridade de determinadas pessoas seja preservada, nem toda verdade deve ser exposta de acordo com o Bobo.

Ao associar a verdade a um cachorro, verifica-se que certos acontecimentos podem ser perigosos caso sejam revelados, caso sejam divulgados livremente à sociedade, assim como determinados cachorros são perigosos em determinadas situações, dessa forma, assim como cães permanecem presos, certos fatos devem também não ser divulgados livremente.

Hutcheon, remetendo-se aos significados de ironia fornecidos pelo Oxford English Dictionary, encontra as seguintes definições: “um ato deliberadamente enganador que sugere uma conclusão oposta à real” e “ironia significa enganar pessoas comuns que entendem de maneira comum” (apud Hutcheon, 2000, p.81).

A função seguinte é a de **oposição** da ironia. Por meio dela, a ironia é vista e interpretada, por um lado, como transgressora e subversiva, e, por outro, como insultante e ofensiva. Um exemplo de ironia com essa função pode ser encontrado no seguinte trecho, quando *Lear* questiona desde quando o *Bobo* começou a cantar versos:

Bobo: Adquiri o hábito no dia em que transformaste tuas filhas em tuas mães; arriaste os calções e deste a elas a vara de marmelo. (SHAKESPEARE, 2008, p. 32).

Nesse momento, há uma subversão, feita pelo *Bobo*, que soa ofensiva e insultante ao *Rei*, uma vez que *Lear* é igualado a uma criança que apanha dos pais. O

que torna o insulto ainda maior não é o fato de as filhas terem se tornado mães, mas sim o fato de que foi o próprio rei que concedeu esse direito a elas, algo que revela extrema falta de sensatez por parte de *Lear*.

Linda Hutcheon designa a função seguinte de **atacante**. Segundo Hutcheon,

A carga negativa aqui chega ao máximo quando uma invectiva corrosiva e um ataque destrutivo tornam-se as finalidades inferidas – e sentidas – da ironia. Em muitas discussões sobre a ironia, essa parece ser a única função que se leva em conta, especialmente quando a questão é de apropriabilidade ou, principalmente, de excesso no seu uso. (2000, p.83)

Hutcheon chama a atenção que a ironia possui também uma função corretiva, sobretudo quando ela é utilizada pela sátira. Assim, quando a ironia assume a função atacante, haveria, então, uma “motivação positiva” (HUTCHEON, 2000, p.84) para que uma crítica tão agressiva fosse realizada: a finalidade de corrigir os vícios e as loucuras da humanidade.

Um exemplo da função **atacante** na peça é quando o bobo refere-se a *Lear* como se o rei fosse o bobo, o que acontece no seguinte fragmento: “**Lear:** Estás me chamando de bobo, Bobo? / **Bobo:** Você abriu mão de todos os outros títulos; esse é de nascença.” (SHAKESPEARE, 2008, p. 31-32). Nesse momento, o rei é insultado, pois o *Bobo*, dizendo que o rei tem o título de bobo desde quando nasceu sugere uma inversão de papéis, com o intuito de corrigir os vícios e as loucuras de *Lear*.

Finalmente, a última função da ironia: a **agregadora**. Nesse tipo de manifestação, a ironia motiva também interpretações contraditórias: num sentido positivo, cria “comunidades amigáveis” entre ironista e interpretador; no sentido negativo, exclui aqueles que não a compreendem ou, como disse Hutcheon (2000, p.86), que não a “pegam”, impedindo-os de participarem dessas comunidades.

Encontramos a função **agregadora** nos seguintes versos: “Quem só serve por ganância / E apenas finge lealdade / Se vê chuva faz a trouxa / Te deixa na tempestade” (SHAKESPEARE, 2008, p. 59). Tais versos, proferidos pelo *Bobo*, criam uma “comunidade amigável” com os interpretadores que já suspeitam que ambas as filhas gananciosas de *Lear* o deixarão sem abrigo em uma noite de tempestade, contudo, exclui, por exemplo, o próprio *Lear*, que mesmo tendo sido renegado por uma filha,

acredita ainda que será acolhido pela outra, o que logo na sequência da peça é mostrado que não acontecerá, haja vista que a filha *Regana* e o conde de *Cornualha* se negam a falar com o rei.

Selecionamos, dentre inúmeras falas irônicas do *Bobo* presentes na peça, algumas que representam as funções da ironia desenvolvidas por Hutcheon. Na sequência do trabalho, será apresentada uma proposta de trabalho em sala de aula com a peça, mais especificamente com a ironia existente na peça – por meio das falas do *Bobo* –, uma vez que trabalhar com um clássico da literatura em sala de aula, além de enriquecer o universo literário do aluno, no que se refere ao uso e funções da ironia, parece-nos ser um tema atrativo, considerando que a ironia é algo presente no dia a dia dos estudantes.

O Rei Lear em sala de aula

As DCE de Língua Estrangeira Moderna defendem o uso da Literatura no ensino da língua alvo. As atividades com os textos literários segundo as DCE devem propor ao aluno a percepção social de uma sociedade em um determinado contexto sociocultural. Segundo Polidório (2007) os textos literários devem ser considerados como um auxílio nas aulas de Língua Inglesa podendo proporcionar discussões sobre assuntos do cotidiano dos alunos e também assuntos de cunho ético e moral.

Os textos literários contribuem com a aula para reflexões sociais e culturais, por isso ao se trabalhar com uma obra literária deve-se explorar não só o conteúdo da obra, mas também seu contexto de produção. Polidório (2007) afirma que é necessário trabalhar com o contexto no qual o texto foi produzido, mostrar os aspectos históricos e também aspectos da vida do autor, mostrando para o aluno a verossimilhança existente em um texto.

Para trabalhar com a obra de William Shakespeare, *King Lear*, seria interessante que o professor começasse explicando quem foi Shakespeare e a importância dele para a Literatura Inglesa, suas principais obras, o contexto em que viveu e o contexto em que suas obras foram publicadas. O professor pode disponibilizar aos alunos uma breve

biografia do autor, escrita na língua alvo, incentivando o aluno a ler o texto sem traduzir palavra por palavra, mas compreendendo o texto como um todo.

Por se tratar de uma obra longa, o professor pode solicitar uma leitura prévia da obra para os alunos e também disponibilizar um resumo da peça na língua alvo. A leitura desse resumo deve ser feita em sala de aula, realizando as discussões e as análises possíveis.

Após a realização da leitura do texto, o professor pode questionar a respeito da interpretação do texto lido, provocando a reflexão sobre os conteúdos abordados na obra. O professor deve incentivar o pensamento crítico dos alunos e observar aspectos ideológicos marcados no texto “nos textos de literatura, as reflexões sobre a ideologia e a construção da realidade fazem parte da produção do conhecimento, sempre parcial, complexo e dinâmico, dependente do contexto e das relações de poder” (PARANÁ, 2008, p. 67).

Feito o estudo da peça e tendo compreendido seus principais aspectos, parte-se para o estudo sobre os efeitos de sentido. Para esta pesquisa, focamos nossa análise nos efeitos de sentidos que podemos revelar nas ironias presentes no *Bobo*. Dessa forma, sugerimos que a aula ministrada pelo professor, que objetiva trabalhar com esta peça em sala de aula, objetive identificar a ironia como uma estratégia para produzir determinados efeitos de sentido e percebê-la como um recurso linguístico utilizado para fazer denúncias, críticas, comentários, entre outros sentidos.

Para o encaminhamento da aula faz-se algumas perguntas aos alunos para poder introduzir o tema, perguntado para eles se eles compreendem o que é efeito de sentido, o que é ironia, onde normalmente ela está presente, se lembram de algum traço de ironia na obra estudada, e se sim na fala de qual personagem e em quais falas.

Em seguida, será realizada uma exposição sobre a conceituação de ironia de forma mais simplificada, explicando que a ironia é a afirmação de algo diferente do que se deseja comunicar, na qual o emissor deixa transparecer a contrariedade por meio do contexto do discurso. A função da ironia geralmente é crítica e impressionista, é também um recurso usual de humor. Retomando a peça *King Lear* o professor pode mostrar aos alunos a presença de ironia nas falas do *Bobo*.

Uma folha com as falas do bobo (em inglês) pode ser entregue aos alunos para que eles possam localizar as ironias presentes na fala. Assim que localizadas, o professor pode propor uma atividade aos alunos, como a de interpretação e reflexão sobre quais os efeitos de sentidos que estão sendo revelados.

Portanto, para este trabalho, sugerimos algumas atividades que podem ser feitas com a obra, objetivando a análise de como algumas ironias produzem sentidos no texto. Assim, essas atividades propostas não compreendem toda a prática de ensino que o professor pode realizar em sala, visto que este é um assunto que ainda pode ser realizado em futuras pesquisas.

Considerações finais

Tendo em vista as funções da ironia propostas por Linda Hutcheon, buscou-se mostrar, neste trabalho, a ironia presente nas falas da personagem *Bobo*. Por meio do seu discurso, a personagem consegue fazer críticas e também tenta alertar o *Rei* aos perigos que podem surgir. Pelo fato de ser o bobo, ele possui uma “liberdade” em falar e em brincar com o *Rei*, em muitos momentos é possível perceber que *Rei Lear* gosta da companhia do *Bobo* e, mesmo sendo insultado por ele, protege-o. Utilizando de ironia e metáforas, *Bobo* tenta alertar *Lear* do perigo, no caso alertar para as consequências de ter dividido o trono com as duas filhas, *Regana* e *Goneril*.

A ironia pode ter diferentes efeitos de sentido, visto que depende de um contexto para ser entendido, pode não ser percebida por todos os ouvintes, ou receptores da mensagem. Ao apresentar essa obra em sala de aula, além de observar outras questões abordadas pela obra, é interessante observar se os alunos conseguem detectar as ironias presentes nas falas do *Bobo*. O exercício para interpretar e analisar as ironias contribui para que os alunos olhem para a obra literária de forma mais atenta, e percebam que nela existem muitos efeitos de sentidos que contribuem para uma melhor interpretação da obra de forma geral, pois muitas informações não estarão expressas de forma explícita.

Mostrar para os alunos que uma obra literária contém informações que podem contribuir para formação deles é muito importante. Com o uso de literatura na matéria de Língua Inglesa, além de apresentar para o aluno uma nova cultura, também contribui para o aprimoramento do vocabulário e de forma indireta o aluno é exposto a formas gramaticais presentes nos resumos cedidos pelo professor.

Referências

ALAVARCE, Camila da Silva. Ironia. In: **A ironia e suas refrações**: um estudo sobre a dissonância na parodia e no riso. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009, p. 23-56.

HUTCHEON, L. **Teoria e política da ironia**. Trad. JulioJeha. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

MUECKE, D. C. **A ironia e o irônico**. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1995. (Debates, 250)

PARANÁ. Secretaria Estadual da Educação. Diretrizes curriculares da educação básica: Língua Estrangeira Moderna. Curitiba, 2008.

POLIDÓRIO, V. Textos literários no ensino de língua inglesa no ensino fundamental. Revista Educere et Educare, vol. 02, n. 03, 2006.

SHAKESPEARE, W. **O rei Lear**. Trad. Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2008.